

CULTURA HÍBRIDA NO CERRADO: PRÁTICAS SOCIAIS DO DISCURSO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NOS POEMAS DE MANOEL DE BARROS

Paulo Eduardo Benites de Moraes*
Josemar de Campos Maciel**

Resumo: O presente estudo consiste em reflexões acerca de estratégias e dispositivos discursivos utilizados pelo poeta Manoel de Barros. Por meio de uma atitude imagética que envolve a desconstrução e a exploração criativa das potencialidades expressivas da língua, o poeta manifesta e desoculta a sua visão da cultura em relação a temas como a evolução da sociedade, a tecnologia e a perda de sentido. Esta pesquisa apresenta-se como uma abordagem crítica de discurso e versa sobre a literatura produzida por Manoel de Barros, atribuindo significâncias às práticas sociais do discurso do poeta, bem como da literatura, e à identidade construída das culturas envolvidas.

Palavras-chave: Análise do Discurso Crítica; multiculturalismo; Manoel de Barros.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Manoel de Barros é um poeta que privilegia em sua obra aspectos relacionados a sua cultura. Desde sua infância fora criado num ambiente campestre entremeado com coisas, seres e bichos que marcariam para sempre sua poesia. A influência do seu território é muito forte em seus poemas que são fertilizados pela fauna e flora do Pantanal, representam hábitos e costumes de pantaneiros e pantaneiras. Para este trabalho, é importante destacar essa representação da cultura sul-mato-grossense que Manoel constrói, sua visão ecoa num discurso literário autêntico que é materializado em seus poemas.

* Mestrando em Estudos da Linguagem (área de concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campo Grande – MS – Brasil. E-mail: paul_schweizerische@hotmail.com.

** Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor Titular na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – Campo Grande – MS – Brasil.

Fazer uma leitura de seus poemas por meio da Análise do Discurso Crítica (ADC) é o objetivo deste trabalho, pois essa disciplina nos permite garantir o princípio da imanência do texto – que também será levado em consideração –, mas nos dá a possibilidade de avaliar os elementos extratextuais que cercam os sujeitos envolvidos nessa prática social. Com essa proposta enfocar-se-á o movimento pós-colonialista que compraz com a ideia de hibridização cultural, uma das características mais marcantes com o advento da globalização, com isso, o texto pós-colonial passaria a ser caracterizado pelo hibridismo dos gêneros. Esta última característica reflete como a língua também participa ativamente do processo de mudança de paradigmas e torna-se a mais forte expressão da cultura.

CULTURAS HÍBRIDAS NO CERRADO

Entender uma obra de arte hoje, levando em conta a interpretação dialética entre texto e contexto, parece ser uma das maneiras mais viáveis para se fazer uma análise. Um dos maiores críticos da nossa época, Antonio Candido (2000, p. 14), em sua obra *Literatura e sociedade*, traz um princípio básico para a análise crítica embasada na interação texto e contexto: “Sabemos que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”. Para uma análise textual que busca a interação com o contexto (sócio-histórico), há alguns preceitos que devem ser respeitados. No caso, uma obra literária e até mesmo um texto de outro gênero são autônomos, mas formados com elementos oriundos de um meio externo, fora do texto, são influências da sociedade, da ideologia do tempo ou do autor, enfim, características que fornecem um suporte para a produção do texto.

Ao se produzir uma obra literária (que é nosso foco principal), esta se torna um “evento singular” que atribui significados ativos para uma determinada cultura. O próprio Candido (1981) define três passos importantes nesse processo: 1. a influência dos fatores externos; 2. a tomada de consciência do autor quanto ao seu papel; e 3. o resultado final, a obra em si por si mesma. Esses intervenientes externos que circundam o texto também são levados em consideração para a ADC. Essa disciplina é relevante, pois “a dimensão crítica relaciona a ADC com uma preocupação explícita com o exercício do poder nas relações sociais, o que inclui as relações de gêneros e classe social, como também as relações entre as raças e as etnias” (MAGALHÃES, 2005, p. 7).

Esse propósito de trazer à luz a relação entre linguagem e prática social, oriundo das tendências mais atuais da ADC, tem como um de seus maiores precursores N. Fairclough. Recentemente, em 1999, Chouliaraki e Fairclough reestruturaram essa proposta ressaltando que esse estudo não deve ser visto de maneira unilateral, há diversas perspectivas teóricas e metodológicas para as pesquisas de ADC. Trata-se de um enfoque que se serve da produção de textos (orais e escritos) para refletir como esse expediente dialoga com a funcionalidade da linguagem ante sua representação político-ideológico, esta afirma que “os efeitos construtivos do discurso reforçam identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças, ainda que, normalmente, nenhum desses

aspectos seja aparente aos participantes do discurso”¹ (FAIRCLOUGH, 1992 apud SILVA, 2002, p. 9).

Esse papel de avaliar as relações sociais que o discurso pode ter é o que nos leva a propor este trabalho. Sabe-se que há no momento contemporâneo um avanço enorme ante as questões de relações sociais. O mundo globalizado atingiu um patamar bastante avançado, causando essa inundação de culturas em que a diversidade ganha destaque. Não se pensa mais como antes, o ciclo que estamos vivendo é mais dinâmico, o multiculturalismo rouba a cena e se faz cada vez mais presente. Homi Bhabha (2007, p. 24), na introdução do livro *O local da cultura*, é capaz de ilustrar o que significa esse novo modelo onde

[...] a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos.

Vendo por esse ângulo, pode-se afirmar que houve uma inversão da lógica preestabelecida e que o mundo dito pós-moderno que está num estágio avançado da globalização é marcado por esse encontro cultural, essa troca de relações dentro de um mesmo espaço (re)significado pela reterritorialização. Há nesse novo modelo uma nova proposta ideológica e sociocultural que tem como principal regente o diálogo, colocando face a face a diferença buscando a (re)significação de culturas excluídas que voltam ao palco dos grandes centros e se tornam sujeitos de seus discursos, participando da construção dessa identidade marcada pela mestiçagem.

Mostrar que com a mudança desses paradigmas nosso meio ficou muito mais dinâmico e que a pós-colonialidade apresenta uma perspectiva saudável para encarar e compreender essa nova esfera em que as sociedades e culturas se encontram é um desafio. Para exemplificar e ilustrar de modo mais prático essa construção intercultural da nossa sociedade, buscaram-se as noções que a Análise de Discurso Crítica nos fornece e analisa-se a grande produção literária de Manoel de Barros. O poeta em questão apresenta uma linguagem marcada pela lógica da inversão moderna, ou melhor, Manoel de Barros inverte a lógica propriamente dita.

Com estratégias e dispositivos discursivos, o poeta brinca com a inventividade do idioma, abusa das expressivas potencialidades da língua, pois acredita que a linguagem é a verdadeira morada do ser. Essa tal poesia que se apresenta num estágio rústico, ilógico e selvagem das palavras (MARINHO, 2009) é capaz de criar um novo universo reconstruído por meio do discurso poético, brindando de maneira luminosa os mais variegados componentes da natureza regionalista e apresentando os elementos que constroem a identidade da cultura do Centro-Sul brasileiro.

A poesia humanista de Manoel de Barros se envolve amplamente nas práticas sociais que influenciam o discurso. Quando o autor opta por recusar a norma culta e privilegiar a plasticidade da linguagem popular, ele “rejeita igualmente a hierarquização valorativa entre os seres humanos, manifestado sobre tudo na pouco pertinente noção de ‘erro’ e na preconceituosa adoção de diferentes

1 “[...] the constructive effects discourse has upon social identities, social relations and systems of knowledge and belief, neither of which is normally apparent to discourse participants”.

‘níveis’ de emprego da linguagem” (MARINHO, 2009, p. 5). Essa política de representação da língua já fora defendida outras vezes, mais assiduamente entre os linguistas que têm como modelo de análise relegar à linguagem sua função “ideacional”. Essa proposta formulada por Halliday (1994) e depois disseminada por outros grandes nomes da linguística confere à linguagem um expediente particular de representar o mundo. No campo filosófico, podemos citar aqui outro grande nome de peso que é Jacques Derrida (1971) com sua tese da “metafísica da presença” onde se alicerça a ideia do representacionalismo.

Essa hipótese levantada de política de representação da língua é o que nos permite fazer a seguinte observação acerca do discurso poético de Barros: em primeiro lugar, afere-se à gramática normativa um expediente estático da língua, ou seja, tem como objetivo atuar regrando os usos da verbalização (oral e escrito) dos sujeitos. Desse modo, atua como um elemento de opressão partindo da dicotomia “certo/errado” já não mais em voga que tem um papel coercitivo dentro da sociedade, estabelecendo essa hierarquização valorativa do humano no emprego da linguagem. Num segundo plano, esse tipo de gramática, a normativa, é um elemento loquaz de escalonamento e dominação social. Refletindo sobre a cultura geral do Brasil, pode-se dizer que esta é hoje definida pela heterogeneidade e/ou pelo multiculturalismo. Portanto, um país de todos os contrastes apresenta também diferenciadas classes sociais e que, na verdade, tem pouco acesso ao ensino e ao aprendizado – incluindo o da língua. Essas classes conseqüentemente são relegadas a atuações subalternas dentro das práticas sociais e sofrem com o preconceito advindo de outros séculos, que ainda perpetua nos dias de hoje, e a linguagem popular fica sempre à margem da sociedade.

Em um trecho significativo de um poema de Manoel de Barros, podemos notar essa discussão na prática: “O delírio do verbo estava no começo, lá onde criança diz: Eu escuto a cor dos passarinho. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som [...]” (BARROS, 2010, p. 301).

Nesse trecho de Manoel de Barros, ele mesmo faz uma rápida análise linguística do uso da língua. A mudança de sentido dos verbos é comum na poética barrensense, influenciada pela linguagem infantil. Nos padrões de uso da língua, não é permitido trocar o sentido dos verbos, como no caso de “escutar uma cor”; dever-se-iam utilizar os verbos “olhar, enxergar, ver, etc.”, pois são estes que comumente estão habituados a dirigir-se ao substantivo “cor”. Mas a criança não sabe dessas regras, e, quando faz essa mudança de sentidos, segundo Manoel, o verbo “delira”, e para a poesia “o verbo tem que pegar delírio” (BARROS, 2010, p. 301). Veja que essa mudança da função de sentido de um verbo é escolhida propositadamente pelo poeta, e, a partir dessa estratégia aparentemente ingênua, pode-se fazer a seguinte observação: ainda é preciso recuperar, por meio do discurso poético e literário, o poder expressivo da linguagem dos falantes brasileiros.

Esse posicionamento fica bem claro como uma proposta incitada por Manoel de Barros, pois renega os modos regrados de uma gramática para expressar as potencialidades da língua que tem como característica marcante expressar também uma cultura. No Brasil, país marcado pelo multiculturalismo, ou seja, a “riqueza das diferenças” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 83), teremos diversificadas maneiras de utilização da língua, várias maneiras de representar uma identidade. Nas obras de Manoel de Barros, há uma dessas “maneiras”, peculiar ao

poeta no trato com a linguagem. O “criançamento da palavra” – tema que será discutido no segundo bloco do trabalho – bem como a construção da identidade cultural de Mato Grosso do Sul são algumas dessas peculiaridades.

Culturas híbridas no Cerrado marcam, diga-se de passagem, a noção de mestiçagem – conceito ativo na estética pós-colonialista – que se apresenta em textos marcados pelo hibridismo dos gêneros. Desde o povoamento no Pantanal, temos dados de que havia múltiplas experiências humanas desenvolvidas. Antes mesmo da colonização portuguesa, a região dos “Pantanais” já estava povoada e mantinha uma formação própria. Trata-se de uma

[...] área que se estende por mais de 138 mil km² e que, portanto, dificilmente seria classificada como homogênea, seja do ponto de vista das ciências humanas ou das geociências. A rigor, têm-se vários Pantanais, tanto em Mato Grosso do Sul quanto em Mato Grosso. Para cada um desses Pantanais, ou compartimentos ambientais específicos, existiram, no período pré-colonial, modelos de povoamento distintos, cujas relações homem-ambiente também foram diferenciadas (MARTINS; KASHIMOTO, 2004, p. 23).

O Pantanal como vimos formou-se por diversos povos oriundos de diferentes lugares. Indígenas já ocupavam o território antes mesmo da colonização portuguesa no Brasil. Desde cedo houve diferenças étnicas entre os próprios povos indígenas que compartilhavam o mesmo espaço. Mais recentemente tem-se o povoamento branco no sul de Mato Grosso, datado de fins do século XVIII, onde “ocorreram as primeiras penetrações do gado em terras do oeste que representam o contato entre vaqueiros e bandeirantes” (BITTAR, 2009, p. 44). Outra importante influência que recai sobre os solos sul-mato-grossenses são os cruzamentos interculturais entre os países vizinhos Paraguai e Bolívia, aspecto marcante nesse estado fronteiriço.

Notadamente esse estado tem um rico arsenal de culturas entrelaçadas. Deve-se ter a consciência de que não se pretende nesta pesquisa mostrar as relações que essas culturas estabelecem em si, mas sim apontar para a variedade étnica aqui presente que favorece a produção cultural. Manoel toma como pretexto esses elementos e se dispõe a “escovar palavras” que melhor exprimem a heterogeneidade desse pedaço de Brasil. Em seu *Livro de pré-coisas*, o poeta anuncia: “Aqui é o portão de entrada para o Pantanal” (BARROS, 2010, p. 197). Esse livro é definido como um “roteiro para uma excursão poética no Pantanal”, ou seja, o leitor terá o privilégio de conhecer o Pantanal inventado por Manoel, poderá compartilhar da visão *desocultada* que o autor tece sobre seu lugar. Usando seu recurso mais expressivo, a imaginação, o autor nos brinda com estes versos: “Na Grande Enciclopédia Delta-Larousse, vou buscar uma definição de pantaneiro: ‘Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar’” (BARROS, 2010, p. 208).

Nada melhor do que termos um conceito de pantaneiro do próprio poeta das águas. Sua poesia é carregada duma linguagem matreira revestida com as questões da cultura pantaneira. Esse pretexto vivido pelo poeta em sua infância fertiliza sua poesia, marcada por memórias da infância, em que reinventa um novo universo à luz dos costumes pantaneiros. O poeta delega que o trabalho determina muito, pois é “no conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros – é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra seu ser” (BARROS, 2010, p. 208). Esse

recanto particular do Brasil tem guardado consigo fontes de uma rica cultura. O leitor interessado em conhecer essa cultura extravagante deve fazer esse percurso poético pelos versos matreiros de Manoel, e aqueles que porventura são oriundos dessa cultura têm a oportunidade de se autorreconhecer nos versos pantaneiros do poeta. A cultura desse povo é bem marcada pelo diálogo, o encontro da diversidade nessa região favorece essa troca. Estórias, contos, lendas, causos, enfim, diferentes gêneros atuam como vozes que constroem o Mato Grosso do Sul.

Devemos levar em consideração esse processo dinâmico em que uma cultura se insere. Na cultura sul-mato-grossense não poderia ser diferente, uma vez que é formada por um grande contingente de outras culturas. Esse expediente de hibridização cultural é inevitável e configura-se, na atual identidade nacional, como cultura mestiça. Para o poeta Manoel de Barros e a literatura num todo, “o hibridismo cultural se manifesta, dentre outras formas, na produção textual cada vez mais híbrida, a qual se constitui como o espaço adequado para a pluralidade de sentidos” (PAGANO; MAGALHÃES, 2005, p. 23). Assim, percebe-se, nas obras de Manoel de Barros, todo o trabalho de exploração das potencialidades da língua para um fazer/pensar poético diferenciado que estabeleça relações próximas com a cultura híbrida do Cerrado. Propõe-se a investidura nos “deslimes” das palavras, como defende o poeta, para que a poesia se torne um berço de criação de identidades, e, em Manoel de Barros, encontramos o “criançamento” das palavras, isto é, falar em língua de criança.

O “CRIANÇAMENTO” DAS PALAVRAS

Vimos há pouco que a cultura do Cerrado não foge à regra da sociedade brasileira. Marcada pela hibridização, essa cultura se mostra como um campo fértil para tecer reflexões e cria assim um vasto patrimônio cultural. Bem sabemos que o desenvolvimento de uma cultura depende de um processo de transformação sócio-histórico, o que implica zonas de contatos, um “entrelugar” propício para o diálogo de identidades envolvidas nas transformações ocorridas. Para corroborar com esse pensamento, utilizamos as palavras de Kanavillil Rajagopalan (2005, p. 16, tradução nossa):

Identities são construídas e constantemente são reconstruídas em sintonia com as múltiplas influências a que elas estão submetidas. Identities estão em estado de fluxo permanente. Pessoas assumem e descartam identities conforme passam por meio de diferentes estágios de suas vidas, em parte em resposta às mudanças de suas circunstâncias imediatas².

As brilhantes palavras de Rajagopalan (2005) ilustram de forma clara o comportamento das pessoas diante desses novos paradigmas de nossa sociedade pluricultural. Essa construção e reconstrução dinâmicas de identidades se refletem também na linguagem, uma vez que esta é a mais forte expressão de uma cultura, as pessoas expressar-se-ão por meio do discurso. Esse discurso está envolvido nas práticas sociais e no processo de construção das identidades, com

2 *“Identities are constructed and constantly being reconstructed in tune with the multiple influences they are subjected to. Identities are in a permanent state of flux. Persons assume and discard identities as they pass through different stages of their lives, partly in response to changes in their immediate circumstances”.*

isso também surgem novas maneiras de utilizar a língua. A ADC é uma dessas disciplinas que nos permitem avançar nesse sentido,

[...] trata-se, portanto, de uma transdisciplinaridade com um foco específico sobre a relação entre o mundo social e a linguagem. Qual é a natureza dessa relação? Certamente a linguagem não é meramente o reflexo da vida social, o que significaria um lugar para a sociedade e um outro para a linguagem (MAGALHÃES; LEAL, 2003, p. 5).

Nesse sentido é que se pode notar a noção de “língua viva”, isto é, a língua se constrói por seus falantes. O texto produzido em si tem seu lugar reservado, não fica de fora desse contexto que exerce alguma força sobre ele, no entanto não se prende somente em representar a realidade. Na poética não é diferente, como já discutimos no início do trabalho, a obra é um “evento singular”, interna em si mesma que incorpora elementos externos que se tornarão internos. A análise crítica do discurso mantém esse trânsito nas áreas sociais, culturais e pós-coloniais, o que nos possibilita um olhar e uma escuta dessas vozes, tendo assim um enfoque mais sensível do aspecto discursivo da prática social de produção dos gêneros do discurso literário. Então, como é que Manoel de Barros torna os elementos externos da cultura sul-mato-grossense em um evento singular, sua poesia?

O poeta utiliza estratégias incomuns de utilização da língua, aparentemente inocentes, ou sem nexos, mas uma análise mais aprofundada nos permitirá compreender a intenção dessas estratégias. Em primeiro lugar, vamos acompanhar um trecho significativo de uma de suas obras, *Memórias inventadas*: “Eu trago de minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina” (BARROS, 2006). A palavra “raiz” é importante nesse trecho, pois pode ser entendida como algo que cria um vínculo, que está no mais íntimo de alguma coisa, e, no caso de Manoel de Barros, é sua infância. De sua infância, o poeta traz uma visão “comungante” e “oblíqua” das coisas, o que pode ser encarado da seguinte forma: desinstalar significados, deslocar o cotidiano, encontrar o inesperado naquilo que é aparentemente chão batido por botas de pensamento mal-acostumado ao mesmo (MORAES; MACIEL, 2011). O poeta explora a dimensão linguística criando novas palavras e deslocando outras, revela uma visão crítica, não alienante, mas sim oblíqua que não obedece à disciplina reta que segue as instâncias da vida social moderna.

Essa postura de desarrumar as palavras é o processo de “criação das palavras”. A palavra “criação” é um neologismo que o poeta cria e usa em um de seus livros, *Livro sobre nada* – “Chegar ao criação das palavras” (BARROS, 1996, p. 47), esse é o chamado do poeta que anuncia uma postura diferenciada ante o uso da linguagem. Manoel se preocupa em destacar o modo inventivo e a função lúdica da língua, tal como preconiza Jean Piaget (1997 apud MARINHO, 2009, p. 11) quando reflete sobre o poder expressivo da linguagem: “para as crianças a linguagem é literalmente ação, pois, a partir da capacidade que têm de improvisar, inventar ou modificar, criam e recriam novos elementos ao seu redor”. Essa postura de encarar a língua como um expoente de comunicação é seguramente aceitável no universo infantil, pois a linguagem é revestida por um espectro onírico e inventivo capaz de representar de maneira original os universos que a criança pretende expressar.

Por essa vertente, o uso simbólico da linguagem para representação do mundo depreende-se da criação imaginária. Manoel de Barros explora esse universo da infância num processo de reinvenção da infância perdida (cf. MORAES; MACIEL, 2011), processo no qual a infância é a expressão do lúdico, origem do ser e lembranças que são materializadas em diversos poemas e tornam-se visíveis com o “criaçamento” das palavras. O criaçamento é a maneira mais eficaz de reinventar a infância, (re)significar a linguagem, levando em conta sua potencialidade de expressar a cultura popular, no caso de Manoel de Barros destaca-se a cultura do Pantanal, Cerrado e Campos, partindo de um regionalismo revisitado rumo à formação de identidades sociais presentes no todo na nação brasileira. Barros (2010, p. 451) anunciou: “a gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala”, isto é, quando desconstrói o uso gramatical da língua e se irmana com os sujeitos formadores da cultura, sendo assim a língua mais próxima do original capaz de representar a verdadeira identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto esse desafio, conclui-se esta etapa não como algo pronto e acabado, mas a fim de tecer algumas considerações relevantes que esta pesquisa suscitou ao longo destas páginas. Encarar a dialética entre texto e contexto é uma atividade que exige atenção e requer a delimitação dos eixos teóricos e metodológicos subsequentes. Uma vez que o pesquisador toma um texto para analisar, em princípio ele tem um produto em mãos. No entanto, o que esta pesquisa defendeu foi a ruptura da visão que entende o texto como produto e passe a compreendê-lo como processo.

Essa mudança de perspectiva foi alicerçada nos ideais da ADC com alguns de seus maiores expoentes, bem como pesquisadores nacionais preocupados com essa proposta. Isso nos deu o embasamento e a segurança necessária para enaltecer que há um processo de interação circunscrita na produção dos textos/discursos (orais e escritos) que estabelecem contato com o meio externo – fruto das influências da sociedade e das ideologias do tempo –, bem como a intervenção do autor e sua prática social até atingir o leitor que também é parte constituinte desse processo. Todo esse percurso gera um resultado (o texto) que será analisado tanto na perspectiva formal quanto funcional, esta última levando em conta a política de representação da língua que considera a função “ideacional” da linguagem filtrada pelo embate de uma rede de poder.

Na sequência, viram-se as transformações ocorridas com o fenômeno da globalização, deslocando sentidos e construindo novas perspectivas de interação social. A linguagem, como um fator eminentemente social, sofreu mudanças e ganhou novas formas, uma grande massa de informações e novos modelos de gerenciamento de seu sistema e suas estruturas. Hoje com o mundo já amplamente desenvolvido e com suas características pós-modernas estabelecidas, nota-se um contingente amplo no espectro sociocultural. As atividades discursivas humanas acompanham esse movimento, e, por isso, necessita-se de trabalhos para compreender esse movimento pós-modernista. A diversidade de gêneros é um fator depreendido desse fenômeno de crescimento social, materializando em si a diversidade cultural que ganha destaque nos novos paradigmas por seu caráter inter-relacional.

Cercados por esse novo padrão de mundivivência, o sujeito torna-se um expoente ao mesmo tempo produtor dos textos e agente de suas produções. Nesse sentido, destacaram-se, nesta pesquisa, as práticas sociais do discurso literário dentro das obras de Manoel de Barros. Esse discurso se apresenta como um gênero peculiar que tem suas estratégias próprias de tecer reflexões sobre a vida, a cultura e o mundo, mas ao mesmo tempo tem a condição de sê-la. A obra de Manoel como uma obra aberta (como defendeu Umberto Eco) abarca esses temas extratextuais que fertilizam a produção poética manoelina. No caso, o bardo pantaneiro, ao manter estreitos laços com sua cultura e sua raiz crianceira, toma como pretexto sua origem, isto é, sua territorialidade para reinventar, ao modo do “criaçamento” das palavras, o universo popular dos *Pantanais*. Sua poesia serve-se da região para “poetar” e constrói uma prática de representação de identidade regional e nacional, numa espécie de aporte divulgador da heterogeneidade que forma a cultura brasileira, ou melhor, as “culturas mestiças brasileiras”.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. de. *Livro sobre nada*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.
- BARROS, M. de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BITTAR, M. *Mato Grosso do Sul: a construção de um estado*. Campo Grande: UFMS, 2009.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.
- MAGALHÃES, I. Introdução: a análise do discurso crítica. *Delta*, São Paulo, v. 21, 2005.
- MAGALHÃES, I.; LEAL, M. C. D. (Org.). *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano, 2003.
- MARINHO, M. (Org.). *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Campo Grande: Letra Livre, 2009.
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do Brasil pré-colonial: o povoamento no Pantanal e no Cerrado. In: RUSSEFF, I.; MARINHO, M.; SANTOS, P. S. N. dos (Org.). *Ensaios farpados: arte e cultura no Pantanal e no Cerrado*. 2. ed. Campo Grande: Letra Livre, UCDB, 2004.
- MORAES, P. E. B.; MACIEL, J. C. A reinvenção da infância perdida na obra de Manoel de Barros. *Linguasagem*, 2011. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/artic_008.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

MOREIRA, F. A.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAGANO, A.; MAGALHAES, C. Análise crítica do discurso e teorias culturais: hibridismo necessário. *Delta*, São Paulo, v. 21, 2005.

RAJAGOPALAN, K. Postcolonial world and postmodern identity: some implications for language teaching. *Delta*, São Paulo, v. 21, 2005.

SILVA, D. E. G. da. Percursos teóricos e metodológicos em análise do discurso: uma pequena introdução. In: SILVA, D. E. G. da; VIEIRA, J. A. (Org.). *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Plano, 2002.

MORAES, P. E. B. de; MACIEL, J. de C. Hybrid culture in the Cerrado: social practices of literary discourse and the construction of identity in the poems of Manoel de Barros. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 81-90, 2013.

Abstract: The present study consists of reflections on the discursive strategies and devices used by the poet Manoel de Barros. Through an imagery attitude that involves the deconstruction and the creative exploration of the potential of language, the poet expresses his vision about the culture in relation to issues as society in evolution, the technology and the loss of meaning. This research presents a critical approach of discourse which discourses the literature produced by Manoel de Barros attributing significance to social practices of discourse of the poet, as well as the literature and the identities involved in the context.

Keywords: Critical Discourse Analysis; multiculturalism; Manoel de Barros.

Recebido em julho de 2012.

Aprovado em janeiro de 2013.